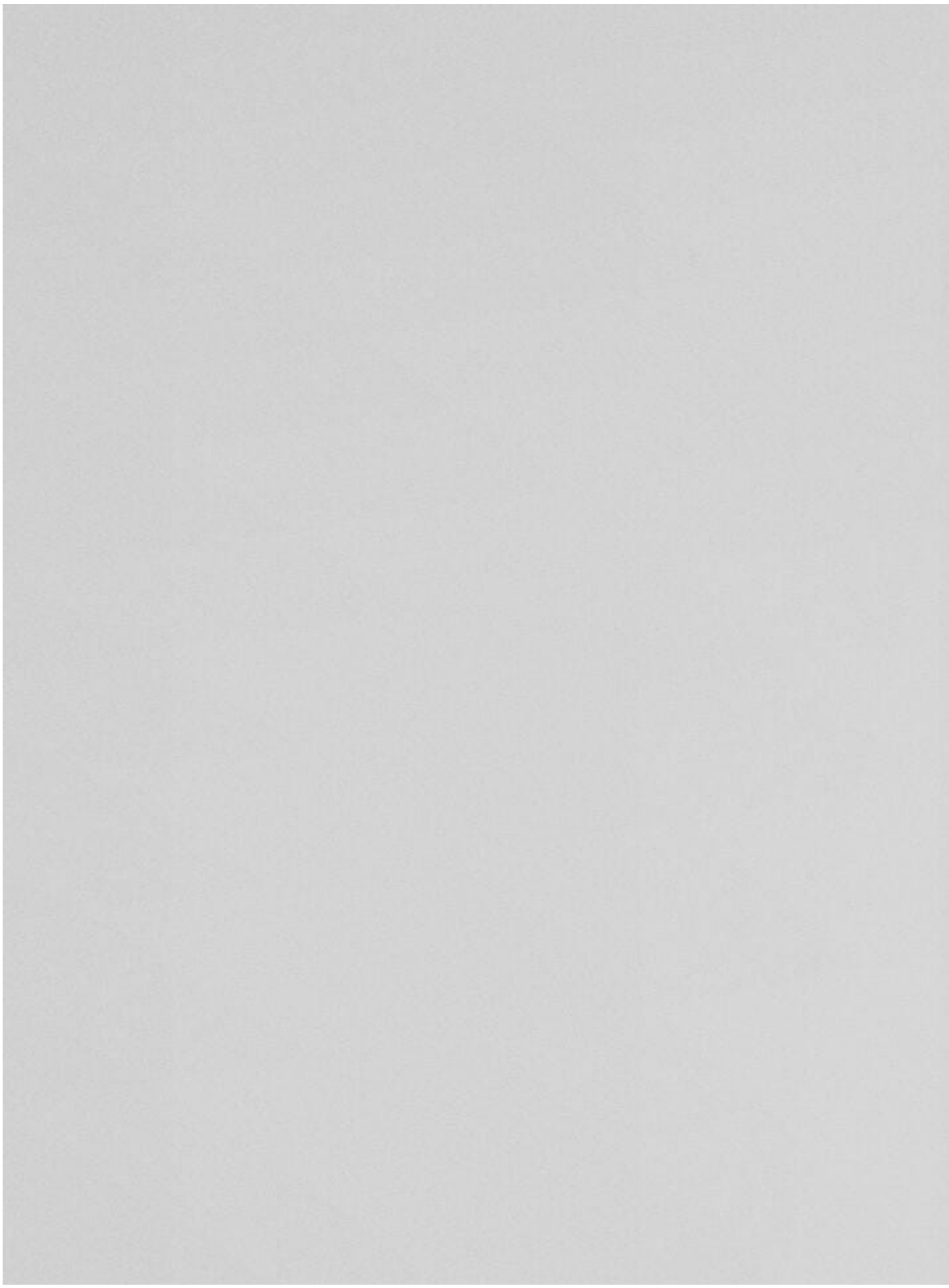
Capítulo 2 - Vedanta: a consciência como fundamento do real

M-135

शरीरं



Se o budismo desmonta a identidade e revela o caráter processual da mente, o Vedanta inicia em outro ponto: **o que permanece quando tudo o que muda é deixado de lado**. Aqui, a investigação não é psicológica, mas **ontológica**. Não se pergunta como a mente funciona, e sim **o que torna possível qualquer experiência**.

A pergunta que não recua

Os textos vedânticos, consolidados nos Upanishads, seguem um critério rigoroso:

- o que nasce e morre não pode ser absoluto;
- o que depende de algo não pode ser a causa última;
- o que é percebido não pode ser o percebedor final.

A análise recua camada por camada até um ponto onde não há mais regressão. Esse ponto é chamado **Brahman**.

Brahman: não um deus, o absoluto

Brahman não é um ente pessoal, não cria por vontade, não julga, não interfere. Ele é definido por negação e por função:

- não condicionado,
- não mutável,
- não fragmentável.

Sua descrição clássica é **sat–chit–ananda**: existência, consciência e plenitude. Não porque *possua* essas qualidades, mas porque **é** isso. No Vedanta, consciência não emerge do real; **o real emerge na consciência**.

Atman: o reconhecimento decisivo

A afirmação central do Vedanta é direta e perturbadora:

> **Atman é Brahman.**

Aquilo que o indivíduo identifica como seu núcleo mais íntimo não é uma alma separada confinada ao corpo. É a **mesma consciência absoluta**, percebida localmente. O erro humano não é moral; é **cognitivo**: confundir os instrumentos da experiência (corpo, mente, história) com a identidade última.

O Vedanta não destrói o “eu” como o budismo faz. Ele o **desloca**. O eu empírico continua funcional, mas perde o estatuto de centro absoluto.

Māyā: o mundo não é falso, é relativo

Māyā não afirma que o mundo seja inexistente. Afirma que ele é **relativamente real**. O erro está em tomar o fenômeno como fundamento. Assim como uma onda não existe separada do oceano, o mundo não existe separado do absoluto.

A multiplicidade não nega a unidade; **a expressa**. O problema surge quando a forma é tomada como substância.

Conhecimento como libertação

A libertação (*moksha*) não é conquistada por esforço moral ou ritual, mas por **conhecimento direto** (*jnana*). Não se cria nada novo; **reconhece-se** o que sempre esteve presente. A ignorância cessa, e com ela a identificação equivocada.

Nada é adicionado ao indivíduo. Algo é retirado: a confusão.

Vedanta e o silêncio do ego

Aqui o contraste com o budismo se torna nítido:

- o budismo silencia o eu ao mostrar que ele é um processo;
- o Vedanta silencia o eu ao mostrar que ele **nunca foi separado**.

O efeito prático pode convergir, mas o mapa conceitual é distinto. Onde o budismo evita ontologia final, o Vedanta a afirma sem hesitação.

O lugar do Vedanta neste livro

Neste livro, o Vedanta cumpre a função de **fundamento**. Depois que a identidade é desinflada, surge um vazio explicativo inevitável. O Vedanta responde afirmando que **a consciência não desaparece com o ego — ela se revela**.

Ao final deste capítulo, a pergunta se transforma novamente:

> **Se a realidade é consciência, por que ela se manifesta como fluxo, mudança e instabilidade?**

Essa pergunta conduz naturalmente ao próximo passo.

Capítulo 3 — Taoísmo: o caminho que não pode ser controlado.